

TRABALHO DOMICILIAR: UM OLHAR SOBRE UM VELHO/NOVO CONCEITO

ALESSANDRO GOMES ENOQUE

Doutor em Sociologia. Professor da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal¹
alessandroenoque@ufu.br

ALEX FERNANDO BORGES

Doutor em Administração. Professor da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social, Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal¹
alexborges@ufu.br

ANA CAROLINA S. SANTANA

Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica²
ana.santanacs@ufu.br

RESUMO: O trabalho domiciliar vem apresentando, ao longo do tempo, uma série de mutações que tem desafiado, permanentemente, os pesquisadores nas mais diversas áreas do conhecimento científico. A diversidade ocupacional, semântica e metodológica relacionada à atividade fez com que o conceito fosse abordado a partir de diversos olhares, desde sua compreensão marxiana clássica até abordagens mais contemporâneas (GUILBERT e ISAMBERT-JAMATI, 1956; ABREU e SORJ, 1986; BENERÍA e ROLDÁN, 1987; BORIS e DANIELS, 1989; LALLEMENT, 1990; FESLTEAD e JEWSON, 2000). Refletir sobre a natureza desta atividade cada vez mais presente em nosso espaço social e, por que não dizer, em nossos lares, é, portanto, uma necessidade premente no âmbito da academia brasileira. Este ensaio teórico tem como objetivo principal lançar um outro olhar acerca do conceito. Um olhar que, a nosso ver, busca estabelecer um diálogo entre as abordagens clássicas e contemporâneas do trabalho domiciliar possibilitando, assim, uma ampla agenda de pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Domiciliar; Casa; Espaço Social.

HOME-BASED WORK: AN OVERVIEW OF AN OLD/NEW CONCEPT

ABSTRACT: Over the years, home-based work has been presenting a series of changes that have permanently challenged researchers in the most diverse areas of scientific knowledge. The occupational, semantic and methodological diversity made the concept approach from a variety of perspectives, from its classical Marxian understanding to more contemporary approaches (GUILBERT e ISAMBERT-JAMATI, 1956; ABREU e SORJ, 1986; BENERÍA e ROLDÁN, 1987; BORIS e DANIELS, 1989; LALLEMENT, 1990; FESLTEAD e JEWSON, 2000). Reflecting on the nature of this activity increasingly present in our social space and, why not say, in our homes, there is, therefore, a pressing need within the scope of the Brazilian academy. This theoretical essay has as its main objective to have another overview of the concept, which, in our view, seeks to establish a dialogue between the classic and contemporary approaches of the home-based work, thus enabling a broad research agenda.

KEYWORDS: Home-based work; Home; Social Space.

TRABAJO A DOMICILIO: UNA MIRADA ACERCA DE UN VIEJO/NUEVO CONCEPTO

RESUMEN: El trabajo a domicilio viene presentando, a lo largo del tiempo, una serie de mutaciones que han desafiado permanentemente a los investigadores en las más diversas áreas del conocimiento científico. La diversidad ocupacional, semántica y metodológica relacionada con la actividad hizo que el concepto fuera abordado a partir de diversas miradas, desde su comprensión marxiana clásica hasta enfoques más contemporáneos (GUILBERT e ISAMBERT-JAMATI, 1956; ABREU e SORJ, 1986; BENERÍA e ROLDÁN, 1987; BORIS e DANIELS, 1989; LALLEMENT, 1990; FESLTEAD e JEWSON, 2000). Reflexionar sobre la naturaleza de esta actividad cada vez más presente en nuestro espacio social y, por qué no decir, en nuestros hogares, es, por lo tanto, una necesidad urgente en el ámbito de la academia brasileña. Este ensayo teórico tiene, como objetivo principal, lanzar otra mirada acerca del concepto. Una mirada que, a nuestro ver, busca establecer un diálogo entre los enfoques clásicos y contemporáneos del trabajo domiciliar, posibilitando así una amplia agenda de investigaciones.

PALABRAS-CLAVE: Trabajo a Domicilio; Casa; Espacio Social.

¹ Endereço para correspondência: Rua Vinte, 1600 - Bairro Tupã, CEP 38304-402, Ituiutaba-MG.

² Endereço para correspondência: Av. João Naves de Ávila, 2121, 1H37, Santa Mônica, CEP:38400-902, Uberlândia-MG.

LIMITES DO TRABALHO DOMICILIAR ENQUANTO CATEGORIA ANALÍTICA

Na medida em que optamos, enquanto acadêmicos, por olhar a realidade social e organizacional a partir da ótica de determinado conceito, quase sempre o fazemos enquanto andarrilhos que caminham reticentes em velhas e duradouras autoestradas. Muitas vezes nos deparamos com encruzilhadas que nos forçam a (re)escolher nossos caminhos, rever nossos antigos mapas e, em alguns casos, nos colocar na intrépida figura do construtor que adiciona, pouco a pouco, filetes de concreto na extensa via.

Evidentemente aqui temos em mente um conceito em especial. O leitor há de convir que tratar dos diversos conceitos que, de alguma forma, relacionam-se com a dinâmica social, em um único texto, seria tarefa das mais inexequíveis. Tal tarefa somente seria (talvez) passível de ser empreendida, a nosso ver, ao longo de toda uma vida acadêmica e, além disso, à custa de muito trabalho intelectual e coletivo. Esta sociologia "sisífica" que, embora poste-se como árdua e extenuante em alguns momentos de nossas trajetórias, apresenta-se, quase sempre, como cativante, desafiadora e, porque não dizer, viciante. Tal vício, felizmente incurável, parece tentar nos levar, inconscientemente, ao nosso mais vão desejo de nos tornarmos eternos, divinos, únicos. Como pertinentemente colocado por Wright Mills em sua obra *O artesanato Intelectual*: "Não é que vivamos para ideias, é que realmente não podemos viver sem elas – embora, é claro, possamos existir" (MILLS, 2009).

É imperioso, portanto, caminhar. E, quando dizemos caminhar, falamos exatamente de tentar buscar compreender o significado de algumas das placas avistadas ao longo da grande via. É claro que cada andarilho, nesta grande travessia, olha com mais esmero determinada placa em detrimento de outras, atenta-se às suas letras coloridas, ao seu estado de conservação, às suas coordenadas, etc. Outros (andarilhos) flertam com diversas placas, as carregam consigo ou, até mesmo acorrentam-se a elas numa vã ilusão de que o caminho terminou. É claro que existem várias histórias no caminho e todas elas são válidas.

A "placa", sobre a qual hoje escrevemos, já é uma companheira de longa data: o trabalho domiciliar. Trata-se, sem dúvida, de um objeto de difícil apreensão. Dizemos isso inicialmente, pois o tempo tratou de encantar (e provocar) diversos autores que lhe deram nomes e conceituações diferentes (GUILBERT e ISAMBERT-JAMATI, 1956; ABREU e SORJ, 1986; BENERÍA e ROLDÁN, 1987; ALLEN e WOLKOWITZ, 1987; BORIS e DANIELS, 1989; LALLEMENT, 1990; BORIS e PRÜGL, 1996; FESLTEAD e JEWSON, 2000). No que tange aos termos normalmente utilizados pelos autores para abarcar este conceito, podemos destacar: trabalho domiciliar, trabalho a domicílio, trabalho em domicílio, trabalho industrial a domicílio, trabalho baseado na casa, teletrabalho, entre tantos outros.

Esta diversidade semântica parece esconder, em si mesma, um outro problema que notadamente percebemos ao adentrarmos na pesquisa de campo relacionada a este objeto, bem como no levantamento bibliográfico relacionado a temática. Há, por assim dizer, uma profusão enorme de ocupações associadas ao trabalho domiciliar, não somente na realidade brasileira, mas, também, no mundo. Ressalta-se, ainda, que a profusão de ocupações parece abarcar não somente aquelas relacionadas ao universo industrial em si (notadamente associadas à abordagem marxiana de trabalho domiciliar), mas, também, aquelas intimamente ligadas à economia de serviços (tão presentes na contemporaneidade). Assim, o universo de ocupações normalmente relacionadas ao trabalho domiciliar perpassaria desde as costureiras das indústrias de confecção e calçados que trabalham em casa, passando pelos artesãos de tapetes, roupas e cerâmicas, e culminaria com os montadores de componentes eletrônicos, soldadores de placas de circuitos e teletrabalhadores.

Os dois aspectos levantados acima (diversidade semântica e ocupacional) nos impõem, ainda, a necessidade de sobrelevar as dificuldades metodológicas relacionadas ao conceito de trabalho domiciliar. Notadamente quando observamos os levantamentos estatísticos empreendidos pelos diversos governos do mundo ou por organizações, com ou sem fins lucrativos na contemporaneidade, eles não "vasculham" diretamente (muito menos

profundamente) a problemática do trabalho domiciliar em si. Na maioria dos casos, concentram-se em mensurar a "frequência com que o trabalho é exercido no espaço da casa" (caso, por exemplo, do censo inglês e sua tipologia: "mainly at work"), em uma categorização que, muitas vezes, não lança luzes nem elucida muito bem a complexidade do fenômeno do trabalho domiciliar, muito menos quem são, exatamente, os indivíduos ocupados nesta atividade^{3 4}. Em uma outra ponta, diversos pesquisadores buscam, através da utilização de abordagens metodológicas de natureza qualitativa, analisar mais detidamente realidades laborais específicas, seja através do recorte regional, setorial ou, até mesmo, organizacional.

INTERSECCIONALIDADE E TRABALHO DOMICILIAR

Além das dificuldades acima apontadas (diversidades semântica, ocupacional e metodológica), diretamente relacionadas aos esforços para compreender a realidade do trabalho domiciliar no Brasil e no mundo, outros pressupostos teórico-metodológicos devem ser destacados.

Um primeiro pressuposto teórico-metodológico que gostaríamos de destacar, e que, a nosso ver, dificulta ainda mais nossa compreensão acerca da temática do trabalho domiciliar, está relacionado às análises que Kergoat (2010) faz a respeito da dinâmica das relações sociais, especialmente no que tange suas dimensões de consubstancialidade e coextensibilidade. De acordo com a autora, uma relação social poderia ser definida como sendo "[...] uma relação antagônica entre dois grupos sociais, instaurada em torno de uma disputa [enjeu]. É uma relação de produção material e ideal" (KERGOAT, 2010, p.94).

No que tange à consubstancialidade, as relações sociais formariam, para Kergoat (2003), um nó que não poderia ser desatado no nível das práticas sociais, mas, somente na perspectiva da análise sociológica. Dito de outra forma, o exercício de diferenciação dos tipos de relações sociais seria, tão somente, uma operação válida para o campo da sociologia e não poderia ser aplicada, inadvertidamente, em direção a uma análise das práticas sociais concretas.

Em relação à dimensão da coextensibilidade, as múltiplas relações sociais (gênero, raça, classe, etnia, nação e sexualidade, entre outras), ao se desenvolverem, se reproduziriam e se co-produziriam mutuamente. Assim, de acordo com a autora, não seria possível a argumentação teórico-metodológica a partir de uma única relação social.

Este último ponto é especialmente importante na medida em que "explica", em parte, um paradoxo presente no âmbito da situação das mulheres no mercado de trabalho, qual seja o de que, embora a participação laboral feminina tenha aumentado consideravelmente nas últimas décadas nas diversas economias mundiais, as diferenças salariais e de oportunidades, bem como as segregações ocupacionais, sob a égide de gênero, continuam marcantes.

Assim, o conceito de interseccionalidade, elaborado pela jurista Kimberlé W. Crenshaw, propõe que a análise sociológica considere um sistema de sobreposição de opressões em que o mesmo indivíduo pode sofrer em termos de gênero, raça e classe (HIRATA, 2014). Tendemos a pensar que os eixos de diferenciação social tais como classe, raça e gênero influenciam, separadamente, a vida das pessoas; porém, eles funcionam dentro da lógica de um mesmo sistema que é classista, racista e patriarcal.

³ Convém ressaltar que tal dificuldade não é uma realidade enfrentada somente por outros países do mundo. No caso brasileiro, por exemplo, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) precisam ser, necessariamente, "adaptados/trabalhados" de forma que possamos ter algum panorama deste tipo de trabalho.

⁴ As dificuldades encontradas no acesso a esta realidade acentuam-se, ainda mais, uma vez que recuamos nossos olhos ao longo da história. Neste sentido, informações estatísticas mais abrangentes sobre a matéria foram somente possíveis, por exemplo, especificadamente para o caso inglês, a partir da década de oitenta do século passado (coincidentemente com o "reaparecimento" da atividade no mundo, fruto dos processos de reestruturação produtiva), no âmbito do National Homeworking Survey (NHS - 1981) ou do Labour Force Survey (LFS).

De acordo com o conceito de interseccionalidade, em um mesmo sistema, indivíduos experienciarão as opressões de maneiras distintas. Neste sentido, uma mulher branca teria experiências diferentes de uma mulher negra, assim como uma mulher negra teria experiências diferentes de um homem negro, por exemplo.

Tal realidade conduziu Holvino (2010), a apontar, em uma crítica, as teorias feministas ocidentais sobre gênero e relações de gênero, fundamentalmente baseadas em imagens e experiências sociais das mulheres mais privilegiadas do Primeiro Mundo, que, talvez, a experiência do ser mulher não seja, exatamente, igual para todas elas em todos os lugares do mundo. Kergoat (2010, p.98), em uma perspectiva semelhante, nos mostra que "[...] os estudos pós-coloniais e o feminismo negro tiveram de fato o mérito de desconstruir o pseudo universalismo das grandes teorias, de apresentar o problema da heterogeneidade do grupo das mulheres [...]". Além disso, convém notar que são diversos os estudos que têm como enfoque principal exatamente a diversidade e a precariedade de trabalho intermulheres (FOURNIER; LABRUYÈRE, 1998; CAUSSE, 1998; SALAZAR, 2001; LAUTIER, 2002; DUSSUET, 2005; MERCKLING, 2011; MARUANI, 2013), ampliando, sobremaneira, as discussões sobre a dominação masculina no âmbito das sociedades modernas. Estas múltiplas experiências têm, por exemplo, o mérito de permitir o avanço de conceitos relevantes como os de "dupla consciência"⁵ (BELL, 1981), "mobilidade de classe contraditória"⁶ (SALAZAR, 2001) e "mudança de consciência"⁷ (HURTADO, 1996).

Um segundo pressuposto teórico-metodológico importante a ser destacado diz respeito à ideia de que as relações sociais acima apontadas (classe, raça, gênero, etc), além de serem consubstanciadas e coextensivas, apresentam, ainda, dinâmicas de funcionamento particulares. Como aponta Kergoat (2010), haveria, por assim dizer, um imperativo histórico que deveria ser levado em conta na análise das relações sociais. Estas deveriam "[...] ser historicizadas, pois possuem uma estrutura que permite sua permanência, mas também passam por transformações que correspondem a períodos históricos e a eventos que podem acelerar seu curso." (KERGOAT, 2010, p.100). Vale destacar, no entanto, que isto não afetaria, para Hirata; Kergoat (2007), os dois princípios organizadores da relação social de gênero: (1) o princípio da separação (o trabalho do homem como sendo de natureza distinta do da mulher); e (2) o princípio da hierarquia (segundo o qual o trabalho do homem valeria mais do que o da mulher). "Elemento construtivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado as relações de poder" (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005).

Como colocado pelas autoras, as relações da divisão sexual do trabalho não são imutáveis e têm modalidades que mudam de acordo com o tempo e o espaço. Porém, a distância entre os sexos ainda se mantém. No contexto brasileiro isso se expressa através do estudo do IBGE (2019) que confirma que as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% a menos que os homens. Assim, apesar das mulheres serem maioria no ensino superior (INEP, 2015), a divisão sexual do trabalho ainda faz com que essas profissionais recebam, percentualmente, menos do que os homens e ainda se concentrem em cursos no ensino superior que reproduzem papéis sexuais no mercado de trabalho.

O terceiro pressuposto está relacionado à distinção estabelecida por Kergoat (2010) entre relações subjetivas e relações sociais. Para a autora, as primeiras seriam próprias dos indivíduos concretos, entre os quais seriam estabelecidas, enquanto as segundas teriam

⁵ O conceito de "dupla consciência" de Bell (1981) diz respeito a natureza dupla do posicionamento (proximidade e distância) de trabalhadoras domésticas negras em relação aos brancos(as).

⁶ O conceito de "mobilidade de classe contraditória" de Salazar (2001) está relacionado a simultaneidade da experiência de desqualificação social no país de destino em comparação com a ascensão na hierarquia econômica em relação as pessoas deixadas no país de origem, bem como às condições econômicas vividas anteriormente.

⁷ O conceito de "mudança de consciência" de Hurtado (1996) diz respeito a habilidade de mulheres de cor (incluídas negras, latinas, asiáticas, etc) de mudar sua percepção da realidade social de um grupo para outro de tempos em tempos e, além disto, perceber as múltiplas realidades sociais sem perder seu senso de auto-coerência.

caráter mais abstrato e oporiam grupos sociais em torno de uma disputa. Esta diferenciação é importante na medida em que observamos, na contemporaneidade, e no próprio espaço da casa, uma "mudança/melhora" nas relações subjetivas entre homens e mulheres, ao lado de uma "permanência" das formas de operação e manifestação da dominação masculina em suas três modalidades: exploração, dominação e opressão.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO FÍSICO E O ESPAÇO SOCIAL

Um quarto e importante pressuposto teórico-metodológico a ser destacado no âmbito deste trabalho, fortemente influenciado pela abordagem bourdieusiana de campo, diz respeito, basicamente, à constatação de que os agentes sociais se constituem como tais, na e pela relação com o espaço social. De acordo com Bourdieu (2013, p.133), "[...] os agentes sociais, e também as coisas - do modo como elas são apropriadas pelos agentes, e, portanto, constituídas como propriedades -, situam-se em um lugar no espaço social que pode ser caracterizado por sua posição relativa quanto aos outros lugares (acima, abaixo, entre etc.); e pela distância que os separa deles".

Consequentemente, de acordo com o autor, o espaço social tenderia a se retraduzir (de maneira mais ou menos rigorosa), no que tange ao espaço físico, sob a configuração de um arranjo distributivo de agentes e propriedades. Assim, para Bourdieu (2013, p. p.133), "[...] todas as distinções propostas em relação ao espaço físico residem no espaço social reificado (espaço físico apropriado), que é definido pela correspondência entre uma determinada ordem de coexistência dos agentes e uma determinada ordem de coexistência das propriedades".

Desta maneira, para o autor, cada agente social poderia ser caracterizado a partir do lugar em que estaria situado de maneira mais ou menos permanente.

[...] o domicílio (aquele do qual se diz que é "sem eira nem beira" ou "sem domicílio fixo" não tem - quase - existência social); e ele se caracteriza pela posição relativa que suas localizações temporárias (por exemplo os locais de honra, posicionamentos regrados pelo protocolo) e, sobretudo, permanentes (endereço privado e endereço profissional) ocupam em relação às localizações dos outros agentes. (Bourdieu, 2013, p.133-134)

Dito de outra forma, o local ocupado por um determinado agente social no espaço físico apropriado constituiria-se como importante indicador de sua posição no espaço social. Assim, para Bourdieu (2013), em sociedades hierarquizadas não existiriam espaços que não seriam, também, hierarquizados e que não exprimiriam as hierarquias e as diferenças sociais de um modo mais ou menos deformado e, sobretudo, mascarado pelo efeito da naturalização derivado das inscrições duráveis das realidades sociais no mundo físico.

Convém destacar que esta "fratura" no plano social levaria, ainda, o autor a apresentar a já clássica diferenciação entre "efeito de clube" e "efeito de gueto". Para o autor, o "efeito de clube" resultaria:

[...] do ajuntamento durável, no interior do mesmo espaço [...], de pessoas e coisas que se assemelham naquilo em que são diferentes da grande maioria, no fato de terem em comum o fato de não serem comuns -, na medida em que excluem juridicamente [...] ou de fato (estando o intruso condenado a uma espécie de exclusão interior própria a privá-lo de alguns dos lucros de pertencimento) todos aqueles que não apresentam todas as propriedades desejadas, ou que apresentam (ao menos) uma das propriedades indesejáveis. (BOURDIEU, 2013, p.140)

Ainda segundo o autor, o "efeito de gueto" teria um efeito exatamente inverso ao primeiro.

[...] o gueto degrada simbolicamente seus habitantes, ajuntando em uma espécie de reserva um conjunto de agentes que, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, só partilham de sua comum excomunicação. Além do efeito de estigmatização, o ajuntamento, em um mesmo lugar, de uma população homogênea na despossessão tem também por efeito dobrar a despossessão [...] (BOURDIEU, 2013, p.140)

O autor nos apresenta, ainda, a ideia do espaço (espaço apropriado) como um locus onde o poder se afirmaria e seria exercido de maneira sutil. Dito de outra forma, o poder exercido através de uma violência despercebida, de natureza simbólica.

[...] a inscrição imperceptível, nos corpos, das estruturas da ordem social ocorre certamente, em grande parte, através dos deslocamentos e dos movimentos do corpo, das poses e das posturas corporais que essas estruturas sociais convertidas em estruturas espaciais organizam e qualificam socialmente como ascensão ou declínio, entrada (inclusão) ou saída (exclusão), aproximação ou distanciamento em relação a um lugar central e valorizado [...] (BOURDIEU, 2013, p.134-135)

Em uma perspectiva complementar, Lefebvre (1991) argumenta que a sociedade seria um espaço e uma arquitetura de conceitos, formas e leis cujas verdades abstratas seriam impostas na realidade dos sentidos, dos corpos e dos desejos. Esta percepção do espaço enquanto materialização das relações de poder é, de acordo com Taylor e Spicer (2007), um elemento central na análise das organizações na perspectiva de diversos teóricos da área de estudos organizacionais (WATKINS, 2005; WAPSHOTT e MALLETT, 2011). Em um outro extremo o autor aponta, ainda, o uso "desviante" do espaço como uma forma de contestação da realidade dominante como, por exemplo, no uso "criativo" de portas de banheiro, bem como no rearranjo de móveis no escritório. Lefebvre também discordaria da argumentação de que o espaço social (bem como o próprio espaço da casa) possuiria natureza essencialmente neutra, amorfa. De acordo com Whapshott e Mallett (2011) e Watkins (2005), a concepção de espaço lefebvriano apresentaria, como características, dimensões de natureza dinâmica, dialética e cheia de significados. O espaço não seria, portanto, inerte, mas, sim, produto de uma rica e viva construção social.

O ESPAÇO DOMÉSTICO E O TRABALHO

No que tange ao espaço doméstico, a primeira coisa a destacar neste ponto é que, ao contrário do que muitos imaginam ou apontam, o trabalho (enquanto categoria e prática), a nosso ver, sempre esteve (e está) presente no espaço da casa. Neste sentido, é de fácil comprovação que as múltiplas atividades relacionadas à reprodução do capital, e tradicionalmente relacionadas ao gênero feminino (lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos, etc), sempre estiveram presentes no âmbito doméstico. No entanto, grande parte destas atividades foram tratadas, diversas vezes, por diversos atores sociais, como tendo caráter "não-produtivo", não-remunerado e, conseqüentemente, invisível. Tal perspectiva, a nosso ver, impregnada de uma ideologia própria do masculino, parece ter obscurecido os olhares sobre a complexidade dos diversos (e outros) trabalhos desempenhados no espaço da casa sejam eles de natureza reprodutiva ou produtiva.

Imaginemos, pois, neste momento, uma unidade familiar composta de marido, esposa, dois filhos (um filho de oito anos e uma filha de dezessete) e uma senhora (a avó, com uma doença degenerativa que a impede de andar), que habitam, hoje, em uma cidade do interior do Brasil. Ao homem caberia o exercício de uma atividade remuneratória em uma

usina de produção de álcool, enquanto que à mulher, pelo menos neste primeiro momento, caberia o cuidado com a casa e com os filhos, além da mãe com os problemas de saúde. Dentre as principais atividades desempenhadas por ela, nota-se, claramente, as tarefas de lavar, passar, cozinhar, entre outras. Destaca-se que, ao chegar em casa, o marido ainda auxilia no desempenho de algumas atividades "domésticas" como, por exemplo, colocar o lixo para fora ou lavar o carro. Ressalta-se, no entanto, que, mesmo no interior deste domicílio, há uma divisão sexual do trabalho doméstico.

Em determinado momento, a renda da família parece não ser suficiente para dar conta das diversas despesas com a casa e com os filhos. Neste ponto, a mulher começa a buscar alternativas para "complementar" a renda doméstica. Em um primeiro momento ela fica sabendo que intermediários das empresas fabricantes de calças jeans da cidade estão em busca de mulheres que possam costurar as partes já cortadas das peças com o maquinário próprio (ou fornecido pela empresa) em suas próprias casas. Como pagamento a mulher receberia um valor de acordo com o quanto ela produzisse.

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas, ela aceita o trabalho. Inicialmente separa um dos quartos da casa, onde coloca a máquina fornecida pela empresa e coloca-se a trabalhar, alternando esta atividade com os cuidados da casa. Em alguns momentos conta com a ajuda da filha que, ao longo do tempo, aprende a atividade.

Aproveitando-se da disponibilidade da máquina de costura, esta mulher começa a efetuar pequenos serviços de reparos em roupas de vizinhos na própria comunidade cobrando à parte. Além disso, começa a criar, costurar e a fabricar pequenas flâmulas de santos por encomenda e, também, a vendê-las em um mercado popular local, alternando todas estas atividades com os cuidados com a casa.

Por fim, em uma conversa com uma de suas clientes, tem a ideia de fabricar e vender "cupcakes" para alunos de uma faculdade, a meia hora de distância de sua casa.

Esta "pequena história", embora banal, enseja uma complexidade laboral que particularmente nos interessa. Inicialmente podemos destacar a multiplicidade de tarefas e papéis desempenhados pela mulher. Ela é, ao mesmo tempo: a mãe que cuida dos filhos; a esposa que cuida do marido; a operária que costura para a fábrica de jeans; a "cuidadora" que cuida da mãe; a artesã (que cria e fabrica as flâmulas); e a cozinheira que faz os cupcakes.

Note que embora todas estas atividades sejam desempenhadas no mesmo espaço social, a casa, nem todas elas podem ser compreendidas a partir do já clássico conceito de trabalho domiciliar proposto pela International Labor Organization (ILO) do ano de 1989⁸ ⁹ ¹⁰ ¹¹. Para a ILO (1989), o conceito de trabalho domiciliar abarcaria quatro grandes dimensões distintas:

⁸ Convém apontarmos outros conceitos de trabalho domiciliar disponíveis na literatura como, por exemplo, o abordado na Homewokers Bill (1991): "(...) an individual who contracts with a person not being a professional client of his (sic) for the purpose of that person's business, for the execution of any work (other than the production or creation of any literary, dramatic, artistic or musical work) to be done in domestic premises not under the control or management of the person with whom he (sic) contracts, and who does not normally make use of the services of more than two individuals in carrying out that work"

⁹ Existem outros conceitos mais genéricos de trabalho domiciliar como, por exemplo, o utilizado pelo Trade Union Congress (TUC) em seu "Statement on Homework". Neste documento, o trabalho domiciliar é definido como o "work done in the home for another person or for sale to another person".

¹⁰ Dentre os conceitos mais restritivos, podemos apontar o da Comissão on Industrial Relations (CIR) que define trabalhadores domiciliares como sendo "those who receive work and payment directly from a manufacturing and establishment and who work in their own home".

¹¹ Cumpre destacarmos, também, o conceito presente no National Homeworking Survey (NHS) de 1981. No caso desta pesquisa, em especial, dois conceitos apresentam-se: um mais abrangente e outro mais restrito. No que diz respeito ao conceito abrangente, trabalho domiciliar "comprises people who work at home and people working from home as a base". Em uma perspectiva mais estreita, trabalhador domiciliar seria aquele "who do their work at home".

- 1) O trabalho domiciliar implicaria em uma relação laboral existente entre o trabalhador e o empregador/subcontratante/agente/intermediário. O acordo poderia ser implícito ou explícito, verbal ou escrito (como especificado na legislação nacional);
- 2) O espaço do trabalho é definido como estando localizado fora das instalações do empregador. Isto implica que, não necessariamente, todas as formas de trabalho domiciliar devam ser baseadas no domicílio. Isto implicaria que há, neste caso, pouca direção/supervisão/regulação dos métodos de trabalho por parte do empregador;
- 3) A forma de pagamento é usualmente realizada por peça ou unidade de produção; e
- 4) O suprimento de materiais e ferramentas é realizado pelo empregador. Em alguns casos, os trabalhadores domiciliares utilizam suas próprias ferramentas ou os empregadores as providenciam por empréstimo ou negociam sua aquisição.

Convém destacar que esta definição, amplamente inspirada na lógica do trabalho domiciliar industrial (conforme proposto nas abordagens marxistas¹²), além de não abarcar a diversidade laboral presente no espaço do domicílio (fato destacado no próprio documento da ILO (1989)), encontra, ainda, uma outra fragilidade aparente. Uma vez que grande parte de nossa economia atual encontra-se amplamente amparada no setor de serviços, a definição parece não dar conta de uma série de atividades laborais desempenhadas no espaço da(s) casa(s). Tomemos como exemplo o caso de uma mulher que executa atividades de cabeleireira no quintal de sua casa. De acordo com a definição clássica da ILO (1989), ela não poderia ser considerada uma trabalhadora domiciliar. Poderia, em certo sentido, ser considerada como uma pequena microempresária. Mas, se observarmos mais de perto a dinâmica laboral existente em seu domicílio, podemos ver que esta aproxima-se, bastante, daquela enfrentada por mulheres que executam atividades no espaço do domicílio (alternância da atividade laboral e os cuidados da casa e das crianças, reconfiguração dos espaços da casa como espaços de trabalho, possibilidade de auxílio da família na atividade laboral - especialmente das filhas, etc). Uma possibilidade de classificação apresentada por Prügl e Tinker (1997) divide os trabalhadores domiciliares em quatro categorias: (1) Trabalho domiciliar industrial (Industrial Homework); (2) Artesanato (Crafts production); (3) Produtores e vendedores de alimentos (Food producers and vendors); e (4) Novos trabalhadores domiciliares (New homework). Esta última é diretamente ligada ao teletrabalho.

Por fim, Lallement (1990) nos mostra que o crescimento do setor terciário em nossas economias, a partir de fins do século XX, e a valorização do trabalho de tempo parcial, possibilitaram o deslocamento do trabalho domiciliar para atividades até então vistas como sendo próprias de escritórios. Assim, por exemplo, tarefas relacionadas à pesquisa, ao ensino, e até à própria esfera da criação artística, puderam ser deslocadas para o âmbito do domicílio.

UM NOVO CONCEITO PARA A COMPREENSÃO DO TRABALHO DOMICILIAR

Dentre as atividades que contemporaneamente têm sido deslocadas para o âmbito do domicílio, destacamos, neste trabalho, aquelas fundamentalmente relacionadas ao que Hirata e Guimarães (2012) denominam enquanto trabalho de cuidado ("care work")¹³.

Para as autoras esta atividade profissional estaria em plena expansão na economia de serviços internacional em decorrência, em sua essência, de duas causas principais. Em um primeiro momento, o envelhecimento da população dos países industrializados estaria

¹² De acordo com Bruschini e Ridenti (1993, p.83), o trabalho domiciliar, apesar de ser pouco estudado na bibliografia brasileira, é, quase sempre, definido no sentido que lhe foi atribuído por Marx (1988), ou seja, "[...] como uma atividade externa à indústria, realizada no domicílio, e não como qualquer afazer implementado no âmbito doméstico". Nota-se, ainda, tal perspectiva de cunho marxista na definição da ILO (1989).

¹³ Ver, ainda, England (2005) e Benelli e Modak (2010).

requerendo do Estado, do mercado, e das próprias famílias, soluções para o cuidado dos idosos dependentes. Aliado a isso, o processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho, nas últimas décadas, estaria acarretando uma "transferência" do encargo do cuidado domiciliar de pessoas idosas, crianças, enfermos, deficientes (e, por que não dizer, da própria casa) a terceiros. Como resultado, estes fatores estariam levando, de acordo com as autoras, a um desenvolvimento das profissões relacionadas ao "care".

Zelizer (2012, p.18) aponta que as relações de "care" incluiriam "[...] qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto". Conforme Soares (2012, p.45),

[...] o trabalho de cuidar do outro envolveria diferentes dimensões e atividades, dependendo de quem é a pessoa que será o objeto dele. [...]. Os atores que compõem essa relação são, dessa maneira, determinantes do tipo de interação que será estabelecida no trabalho de cuidar. Trata-se de relações desiguais perpassadas por assimetrias socialmente estabelecidas de gênero, idade, classe social, raça e etnia, que se recobrem parcialmente, que implicam um exercício de poder e exigem qualificações específicas.

Há que se destacar, no entanto, a existência de uma infinidade de espaços sociais nos quais as atividades de "care" seriam, normalmente, desenvolvidas. Em um extremo, poderíamos imaginar aqueles espaços sociais formalmente constituídos e orientados com o objetivo de atender, de maneira pessoal e constante, o bem-estar de indivíduos em situação de fragilidade (enfermos, deficientes, idosos, crianças etc) como, por exemplo, hospitais, casas de repouso, asilos, creches, entre outros (sem eles de natureza privada ou pública). Em um outro extremo, poderíamos imaginar um outro espaço social, qual seja o do domicílio da família do próprio indivíduo que requer o cuidado. Neste espaço, os próprios membros familiares (ou contratados) seriam os atores responsáveis por cuidar do ente fragilizado.

Destacamos, ainda, uma importante realidade, qual seja a dos trabalhadores de "care" que executam suas atividades no âmbito do domicílio do ente ou da família contratante. Estes "novos trabalhadores domiciliares", abordados por autores como Causse, Fournier e Labruyère (1998), Dussuet (2005, 2011), Devetter; Messaoudi e Farvaque (2012), Jany-Catrice (2013), Ribault (2012), Trabut e Weber (2012), parecem nos fazer obrigar a (re)pensar este conceito (trabalho domiciliar) enquanto uma categoria analítica relevante no âmbito de nossa sociedade, bem como clamam por sua visibilidade.

Neste sentido, e, por fim, optamos por apresentar tal conceito de uma maneira mais ampla, buscando, assim, abarcar e atingir, a situação laboral de diversos indivíduos ocupados em atividades no âmbito da casa, além de estabelecer um diálogo entre as abordagens clássicas e contemporâneas relacionadas ao trabalho domiciliar. Neste sentido, entendemos trabalho domiciliar como compreendendo:

"A(s) atividade(s) desempenhada(s) por um indivíduo que, em algum momento de sua história de vida, por imposição ou não do capital, ressignifica o espaço da casa (sua ou de terceiros) ou seus espaços interiores como locus não somente de reprodução, mas, também, como de produção capitalista de bens e/ou serviços"

REFERÊNCIAS

ABREU, A.R.P.; SORJ, B. **O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Hucitec, 1986.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Mercado de trabalho reflete desigualdades de gênero**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012->

agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero.
Acesso em: 21 ago. 2019.

ALLEN, S.; WOLKOWITZ, C. **Homeworking: myths & realities**. London: Macmillan Education, 1987.

BELL, H. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South end Press, 1981.

BENERÍA, Lourdes; ROLDÁN, Martha. **The Crossroads of Class and Gender: Industrial Homework, Subcontracting, and Household Dynamics in Mexico City**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

BENELLI, N.; MODAK, M. Analyser un objet invisible: le travail de care. **Revue française de sociologie**, v.51, n.1, jan/mar/2010, p.39-60.

BORIS, E.; DANIELS, C.R. **Homework: Historical and contemporary perspectives on paid labor at home**. Chicago: University of Illinois Press, 1989.

BORIS, E.; PRÜGL, E. **Homeworkers in global perspective: invisible no more**. New York, Routledge, 1996.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, 27 (79), 2013, p.133-144.

BRUSCHINI; RIDENTI. Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo. IN: **O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993.

CAUSSE, L.; FOURNIER, C.; LABRUYÈRE, C. **Les aides à domicile: des emplois en plein remue-ménage**. Paris: Syros, 1998.

DEVETTER, F.; MESSAOUDI, D. Les aides à domicile entre flexibilité et incomplétude du rapport salarial: conséquences sur le temps de travail et les conditions d'emploi. **La Revue de l'Ires**, 2013/3, n.78, p.51-76.

DEVETTER, F.; MESSAOUDI, D.; FARVAQUE, N. Contraintes de temps et pénibilité du travail: les paradoxes de la professionnalisation dans l'aide à domicile. **Revue française des affaires sociales**, 2012/2, n.2-3, p.244-268.

DUSSUET, A. **Travaux de femmes: enquêtes sur les services à domicile**. Paris: L'Harmattan, 2005.

DUSSUET, A. Gestion des émotions, santé et régulation du travail dans les services à domicile. **Revue multidisciplinaire sur l'emploi, le syndicalisme et le travail**, vol. 6, n. 2, 2011, p.102-127.

ENGLAND, P. Emerging theories of care work. **Annual Reviews Sociologie**, 31, 2005, pp. 381-399.

FELSTEAD, A. Homeworking in Britain: the national picture in the mid-1990s. **Industrial Relations Journal**, 27:3, 1996, p.225-238.

FELSTEAD, Alan; JEWSON, Nick. **In Work at Home: Towards na understanding of homeworking**. London: Routledge, 2000.

GUILBERT, M.; ISAMBERT-JAMATI, V. **Travail féminin et travail a domicile**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1956.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (org). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun./2014.

HOLVINO, E. Intersections: the simultaneity of race, gender and class in organization studies. **Gender, Work and Organization**, v.17, n.3, p.248-277, may/2010.

International Labor Office (ILO). **Homework**, v. 8, 2, 1989.

JANY-CATRICE, F. Mise en visibilité statistique des emplois dans les services à la personne. **La Revue de l'Ires**, 2013/3, n.78, p.25-49.

KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, v.86, p.93-103, mar. 2010.

KERGOAT, D.; SILVIA, H. De la relación social de sexo al sujeto sexuado. **Revista Mexicana de Sociología**, vol.65, n.4, p.841-861, oct/dec. 2003.

HURTADO, A. Strategic suspensions: feminists of color theorize the production of knowledge. In: GOLDBERGER, N.; TARULE, J.; CLINCHY, B.; BELENKY, M. **Knowledge, difference and power: essays inspired by women's ways of knowing**. New York: Basic Books, 1996.

INEP. **Censo do Ensino Superior 2015**. Brasília: MEC, 2015.

IPEA INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 23 out. 2019.

LALLEMENT, M. **Des PME en chambre: travail et travailleurs à domicile d'hier et d'aujourd'hui**. Paris: L'Harmattan, 1990.

LAUTIER, B. Les employées domestiques latino-américaines et la sociologie: tentative d'interprétation d'une bévue. In: **Travail des hommes, travail de femmes: le mur invisible**. Paris: L'Harmattan, 2002.

MARUANI, M. **Travail et genre dans le monde: l'état des savoirs**. Paris: La Découverte, 2013.

MERCKLING, O. **Femmes de l'immigration dans le travail précaire**. Paris: L'Harmattan, 2011.

MILLS, Wright. O que significa ser um intelectual? In O artesanato Intelectual. RJ, ZAHAR, 2009.

PRÜGL, E.; TINKER, I. Microentrepreneurs and homeworkers: convergent categories. **World Development**, v.25, n.9, pp.1471-1482, 1997.

RIBAUT, T. Cuidadoras domiciliares: que tipo de profissionalização? In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (org). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012.

SALAZAR, R. P. **Servants of globalisation: women, migration and domestic work.** Stanford: Stanford University Press, 2001.

SCOTT, J. W.; KLANOVICZ, J.; FUNCK, S. B. O enigma da igualdade. **Estudos feministas**, p. 11–30, 2005.

SIMONSEN, K. Bodies, sensations, space and time: the contribution from Henri Lefebvre. **Geografiska Annaler**, 87 B(1), 2005, p. 1-14.

SOARES, A. As emoções do care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (org). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care.** São Paulo: Atlas, 2012.

TRABUT, L.; WEBER, F. Como tornar visível o trabalho das cuidadoras domiciliares? O caso das políticas em relação à dependência na França. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (org). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care.** São Paulo: Atlas, 2012.

WAPSHOTT, R.; MALLETT, O. The spatial implications of homeworking: a Lefebvrian approach to the rewards and challenges of home-based work. **Organization**, 19(1), 2011, p.63-79

WATKINS, C. Representations of space, spatial practices and spaces of representation: an application of Lefebvre's spatial triad. **Culture and Organization**, v.11(3), september 2005, pp.209-220.

ZELIZER, V. A economia do care. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.A. (org). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care.** São Paulo: Atlas, 2012.

Recebido em: 25/09/2020.

Aprovado para publicação em: 28/12/2020.